

# A caminho do Sul

As sombras apressadas projectavam-se no fundo da cela numa imagem quase invertida de um mundo perdido. A fresta abria para o passeio da antiga sede da policia politica da António Maria Cardoso. Foram 19 dias de estafua em que apenas nos primeiros dias o medo controlava um sílfio compulsivo (na policia não se fala!). Os agentes, quase todos antigos seminaristas, revezavam-se de quatro em quatro horas. Durante aquelas noites intermináveis, conheci timidamente a meter conversa e fui lembrando o que habitualmente acontecia aos esbirros das ditaduras. Conte-lhes dos talhos de Caracas onde tinham aparecido pendurados os torcionários do deposito ditador Jimenez. Vingaram-se mais tarde, levando-me á cela um jornal onde era relatado o assassinato de Patrice Lumumba. Nessa noite chorei de raiva e desespero.

Desde a infância, e sobretudo no colégio de Tondela onde fiz os primeiros anos do Liceu, tinha colada á pele a marca indelevel de filho do comunista Flauzino Torres. Depois de um chumbo no exame do 5.º ano, um forte sentimento de culpa leva-me a procurar trabalho numa fábrica de cerâmica de Aveiro, na qual pintava painéis de azulejos onde Santo António *abençoava este lar*. Foi aí que mergulhei com entusiasmo na acção partidária clandestina e, sempre que podia, rumava ao Café Avenida para ouvir fascinado as palavras sábias do Mário Sacramento. Mais tarde, já no Porto, descobri extasiado o novo mundo de liberdade e exotismo da Escola de Belas Artes. O prazer de riscar com o carvão, de descobrir o volume macio do barro, de ouvir o mestre Júlio Resende a sugerir uma velatura mais suave... um verde mais luminoso...

No cavalete do lado - é certo que fui chegando o meu para mais perto - pintava a Manuela que viria a ser a companheira de uma vida. Era porém irresistível a atracção pela lua que continuava nos bairros pobres do Porto. Sabia que viria a prisão. Foram buscar-me de madrugada em plena época de exames. Em Fevereiro de 1961 começava a guerra de Angola. Sou apurado para todo o serviço e, recusando-me a matar, só me restava fugir. A passagem a salto era demasiado cara e a solução surgiu num pequeno barco que durante muitos anos tinha servido para atravessar o Douro.

Como se fosse a última, festejamos a noite de S. João e de madrugada passaram a barra do Douro o Valdemar, o Valadas e o Hermínio, que também já tinham estado presos. Embarcou também o casal Fernando e Helena. Eu e a Manuela, casados de fresco, depois de participarmos em Lisboa no Dia do Estudante, juntamo-nos em Cascais aos nossos companheiros. Nenhum de nós tinha alguma vez enfrentado o mar e não foi sem dificuldades que, vários dias depois, aportamos à Arrifana, na costa de Aljezur, que seria para nós o último ponto de abrigo.

Sucedem-se vários dias e noites em que, minuto a minuto, apenas conta a cabeleira desganhada da próxima vaga, o estromdo no casco e o banho de água fria. Quando já esperávamos o inevitável, fomos recolhidos por um petroleiro e entregues á policia inglesa de Gibraltar que, 24 horas depois, nos expulsava. São várias as correntes fortíssimas que no Estreito arrastam qualquer embarcação ora para Leste, ora para o Atlântico. Se não fossem as indicações de um velho marinheiro espanhol, nunca teríamos chegado a Tânger, como hoje acontece, em sentido contrário, a tantos barcos de emigrantes marroquinos.



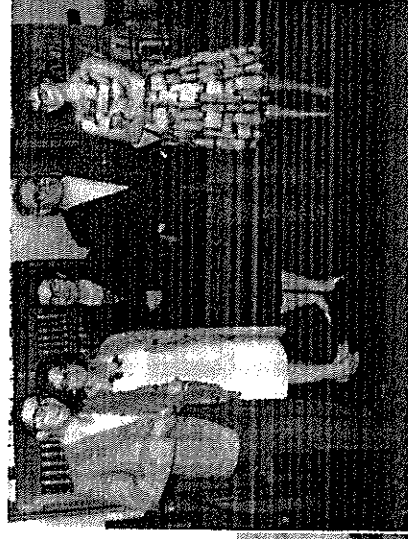
FOTO DE EDUARDO GAGEIRO

## Marrocos (Junho de 1961 a Novembro de 1962)

Abrigados na sede da União de Estudantes, em Rabat, a nossa má sorte fez com que, poucas semanas depois, a policia invadisasse as instalações e nos deixasse na rua. Foram tempos de fome em que quase só comíamos o polvo que o Valdemar ia apanhar nas rochas da praia.

Perto de finais do ano, fomos procurados por Humberto Delgado que, chegado do Brasil, queria, por qualquer meio, entrar em Portugal. Ouvira dizer que tínhamos um barco. Sentado solenemente no caixote que nos servia de mesa, ouviu as nossas razões sobre a impossibilidade de o ir levar à costa algarvia, até porque o barco tinha sido apreendido. Como por essa altura já tínhamos entrado em contacto com a CONCP (Organização das Colónias Portuguesas), onde fomos encontrar o Agostinho Neto, o Marcelino dos Santos e o Amílcar Cabral - sugerimos um encontro entre eles.

O Humberto Delgado tinha muitas reticências em encontrar-se com os chefes da guerrilha e foi precisa a diplomacia e inteligência do Amílcar Cabral para o convencer a aparecer oficialmente numa conferência de Imprensa. Quando, uns meses mais tarde, o Henrique Galvão contactou o nosso grupo para colaborar no desvio do avião da



Por outro lado, consegui entreabrir as portas e penetrar no mais belo mundo rural da Europa, descobrindo uma cultura na fronteira entre a tradição latina e a sensibilidade eslava.

Em 1968 fui a Praga participar, com o meu pai, na festa primavera de um socialismo reencontrado e chorar no Outono mais uma derrota. Em nossa casa de Bucareste, onde se ia juntando toda a espécie de perseguidos, em longas noites de debate, resolvíamos os grandes problemas mundiais com o Pepetela de Angola, com o Marcelino do México, com o Olavo do Brasil, com o Adam, militante comunista, que ao regressar a Kartum foi preso no aeroporto e fuzilado.

Na grande e sólida comunidade de republicanos espanhóis, éramos os mais jovens protegidos, participando sempre nas pequenas festas ibéricas.

## Paris (Julho de 1973 a Abril de 1974)

Em Paris inscrevi-me para um doutoramento sobre arquitectura em madeira do centro europeu. Exceptuando um curhaldo que exercia psiquiatria, procurei fugir ao contacto com outros portugueses que, nessa altura, se diglaciavam em gruposúsculos políticos. Para sobreviver, fazia e vendia desenhos aos turistas japoneses, trabalhava como técnico de electroencefalografia, construía chaminés e montava painéis de mosaico nos apartamentos de luxo do XVIème. Num minúsculo sótão da Rue des Rosiers, sempre na companhia dos perseguidos e refugiados, desta vez sobretudo da América Latina, as noites continuavam agitadas no incansável esforço de salvar o mundo.

Já tinha comprada a tinta para pintar o cabelo para clandestinamente entrar em Portugal, quando veio o 25 de Abril. Embarquet no primeiro avião, onde vinha todo o tipo de personagens incompreensíveis para duas velhinhas inglesas que estavam a meu lado. Viajavam também o José Mário Branco e, lá para trás, o Álvaro Cunhal.

## Portugal (depois do 25 de Abril)

No Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, passei talvez os mais vivos e interessantes dez anos da minha vida. Todos estávamos a aprender, a abrir barreiras, a descobrir. Foram centenas de jovens a ser marcados para sempre por estes anos extremamente criativos, anos de excelência que duraram até 1985 quando a festa acabou.

O projecto de Mérola começou em 1979 mas só em meados da década seguinte, com a nossa fixação definitiva, teve um arranque espectacular. Para mim, além dos seus evidentes propósitos científicos, foi sempre, antes de tudo, um projecto político em que tentei provar que um processo cultural identitário pode trazer desenvolvimento. Para mim continua, sem descanso, o caminho da utopia, agora numa escala mais humana, mais modesta e que, de certa forma, procura recuperar as tradições mediterrânicas onde o indivíduo está indissolvemente integrado na sua comunidade. ●



0 0 9 9 6